

# Virilidade e envelhecimento

<sup>1</sup>Luiza Maria Amorim

## RESUMO

Trata-se de um estudo exploratório dos discursos sobre virilidade no campo da Gerontologia enfocando dois tipos de sujeitos: idosos e profissionais da saúde, realizado como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Especialização em Gerontologia oferecido pelo Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina e concluído em 2005. O ponto de partida do trabalho foi a importância da sexualidade para os idosos, sua presença no seu cotidiano e a necessidade de estudos mais aprofundados no campo do gênero sobre a masculinidade, especialmente sobre a sexualidade masculina. Teve como objetivo caracterizar os discursos de dois grupos de sujeitos sobre masculinidade e “virilidade”, relacionando-os com o envelhecimento. Foi fundamentado metodologicamente na análise do discurso, tomando a “análise de conteúdo” (categorização, reagrupamento semântico, inferência) como técnica específica. Foram entrevistados dois grupos de sujeitos: 19 alunos **idosos** do sexo masculino na faixa dos 60 anos do Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica do NETI/UFSC 2005-1; 10 profissionais de ambos os sexos que atuam na área da sexualidade masculina e do envelhecimento, em Florianópolis, sendo dois urologistas, cinco geriatras e três psicólogos, com grande experiência nas suas áreas de atuação. As entrevistas semi-estruturadas foram gravadas e transcritas para posterior análise e os dados coletados foram reagrupados por categorias e re-organizados semanticamente. Os resultados apontaram para o significado sexual dado à virilidade como um elemento fundamental na construção da masculinidade, o que pode acarretar dificuldades no campo da saúde tanto física como mental, pois o declínio da virilidade com o envelhecimento pode comprometer a auto-imagem, afetando as relações sociais, fator de grande relevância nos transtornos de humor, como a depressão, no decorrer do processo do envelhecimento.

O desafio inicial de identificar mudanças na sexualidade masculina, mais precisamente na virilidade com o envelhecimento, foi crescendo, transformando-se e amadurecendo, à medida que me aprofundava no tema. As dificuldades começaram pelo levantamento do referencial teórico muito reduzido, ou por ser assunto difícil de abordar, devido ao constrangimento natural que falar de sexualidade provoca, ou porque os estudiosos (especialistas) não tenham resolvido seus próprios dilemas vivenciais dessa prática, como foi afirmado por dois dos profissionais entrevistados, aqueles com mais tempo de atuação. Nesse sentido, Carmita Abdo, em artigo dos Arquivos H. ELLIS (2005), declarou:

Só profissionais ‘resolvidos’ em sua vida sexual lidam bem com a problemática dessa natureza em seus pacientes. A ‘cena temida’, da qual nenhum médico deseja ser protagonista, é aquela que o emudece ou o faz gaguejar, diante de determinada colocação de um paciente. As dificuldades sexuais são tema prevalente dessa ‘cena’, porque milênios de História da Medicina foram distanciando do foco das atenções curriculares o aspecto erótico da atividade sexual, afastando o médico (mas não o paciente) do trato dos assuntos de alcova, de seus encantos e de seus desencantos. Por outro lado, oprimido pelo tempo da consulta (cada vez mais curto) e o conhecimento médico (mais e mais ampliado), o profissional deve realizar a façanha de anamnese, diagnóstico e prescrição instantâneos e precisos, fazendo frente à descabida agenda, resultado do nosso caótico sistema de saúde.

---

<sup>1</sup> Psicóloga (CRP 12/2515), Terapeuta de Família, Associada Titular da ACATEF, Especialista em Gerontologia (UFSC).

Se o número de teóricos que abordam a sexualidade em geral já é reduzido, muito mais o é o dos que tratam a sexualidade masculina no envelhecimento. Nesse sentido, era prioritário desvendar o eixo teórico que fundamentaria a pesquisa. Tendo em vista que nossa concepção de mundo tem o construcionismo social como fundamento, pelo menos uma luz no fim do túnel surgia. Trouxemos então Mead (1969), pioneira na visão dos corpos como construções histórico-sociais, mas não como determinantes dos modelos de masculinidade, e Bourdieu (1998) e Foucault (1984) para integrarem o grupo de autores na fundamentação do corpo teórico.

Historicamente, a definição de masculino se dá em oposição ao feminino, isto é, o que é do masculino é definido como aquilo tudo que não pode ser feminino. Se, desde muito cedo, a família como grupo socializador primário modela, através de ritos, regras e limites, comportamentos diferentes para homem e mulher, mais tarde, outros grupos sociais, como escola, comunidade e outros espaços prosseguem na inculcação desse modelo hegemônico, através da multimídia, divulgando conhecimentos e saberes. A partir dos movimentos de liberação de minorias, como o feminista e o sexual, estudos e pesquisas sobre sexualidade feminina ou feminilidades se multiplicaram. Com esses movimentos, o masculino, baseado num modelo de oposição a tudo o que é feminino, sofre abalos na sua estrutura.

Autores como Nolasco (1995) e Goldenberg (2004) apontam uma crise da masculinidade ao surgirem tensões entre o padrão tradicional de identidade masculina e a possibilidade de viver novas formas de ser homem. Assim também o estudo de Oliveira (2004), sobre a construção social da masculinidade, aborda uma possível crise da masculinidade em um contexto específico da sociedade, mas não a defende como algo generalizado, pois, diz ele, nas camadas populares o modelo tradicional de hegemonia masculina predomina. Todavia, de modo geral, tanto homens como mulheres ainda alimentam o ideal de comportamento dos homens baseado na força, no poder e na virilidade, de acordo com Goldenberg (2000), mas o que vivem é um modelo em que o comportamento tradicional já não é mais valorizado. A virilidade fica ameaçada.

Com a descoberta dos medicamentos voltados para as disfunções sexuais que invadiram o mercado, divulgando que metade da população mundial tem disfunção erétil em diferentes graus, o problema que afligia tantos homens em silêncio tinha sido anunciado no ar, na mídia, em toda parte...

Assim, surgiu o interesse pelo tema da pesquisa, a importância da sexualidade para os idosos com foco na virilidade, especificamente no envelhecimento.

A pesquisa foi fundamentada metodologicamente na análise do discurso, tomando a “análise de conteúdo” (categorização, reagrupamento semântico, inferência) como técnica específica. Foram entrevistados dois grupos de sujeitos: I. Dezenove (19) alunos do sexo masculino na faixa dos 60 anos do Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica do NETI/UFSC (2005-1); II. Dez (10) profissionais de ambos os sexos

que atuam na área da sexualidade masculina e do envelhecimento, sendo dois urologistas, cinco geriatras e três psicólogos, com grande experiência nas suas áreas de atuação.

Foi construído para cada grupo de sujeitos um perfil geral utilizado na análise como parâmetro interpretativo, no qual foram destacados basicamente para os idosos: idade, escolaridade, situação profissional, situação familiar, residência. Para os profissionais foi levantada a área específica de formação, tempo de titulação e exercício profissional.

Os resultados da pesquisa quanto ao perfil dos alunos do Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica (CFMAG) do primeiro semestre de 2005 se resumem a: a maioria deles era do sexo feminino (86,6%) e 13,4% do sexo masculino. Destes, os participantes da nossa pesquisa, as idades se concentraram na faixa de sessenta anos. Estando a maioria aposentada (90%), e se, como já foi citado, a aposentadoria “está ligada a uma redução nas relações sociais e na renda”, como afirmou Barros (2003), torna-se uma preocupação para as parceiras e familiares a busca por novos papéis sociais para esses indivíduos na “idéia de que o velho deve ter qualquer atividade a que se dedicar, seja como forma de encher os dias, seja como uma maneira de não se sentir inútil, como uma temática constante em todos os artigos jornalísticos” pesquisados por ela em 1977 (p. 117).

Os alunos entrevistados, na sua maioria (90%) afirmaram que residem com as esposas por um período prolongado e alguns declararam ter passado por crises no relacionamento conjugal, afirmando que tais crises poderiam ser a causa de disfunção erétil. No estudo da vida sexual do brasileiro de Carmita Abdo (2004), esse é um dos fatores entre tantos apontados na pesquisa como prejudiciais à ereção (p.197). Por quê? Seria interessante conhecer a relação entre o tempo de vida conjugal e as disfunções sexuais em uma próxima pesquisa...

Os resultados obtidos nas questões abertas apontaram que os alunos do CFMAG entrevistados declararam manter atividade física freqüente e regular, o que pode estar associado à afirmação de que, segundo Oliveira (2004), “a conexão da prática de esportes com os valores masculinos é algo que atravessou toda a modernidade e se estende até os nossos dias.(...) Durante o século XIX, praticar ginástica e demonstrar força física era um indício de coragem moral, sendo que a disciplina dos exercícios físicos e as atividades esportivas se disseminaram em toda a Europa, devido ao alistamento obrigatório, como atividades tipicamente masculinas. Essa relação continuou no século XX de modo que “os esportes continuaram a ser de fundamental importância para a veiculação e valorização do ideal moderno de masculinidade” (p.60-63). Os entrevistados, a grande maioria, declararam ter uma imagem fisicamente boa de si mesmos, como também praticar a atividade sexual ao menos uma vez por semana, fato que se justifica pela declaração de Abdo, em entrevista de agosto de 2005,

de que pesquisa feita por uma indústria farmacêutica na qual foram avaliadas 26 mil pessoas em 28 países, apontou o brasileiro como o povo que mais tem relações sexuais por semana.

Quanto à avaliação do desempenho sexual, através do que diriam suas parceiras, foi de que elas estavam satisfeitas, sendo que três gostariam de ter mais relações sexuais, mas elas não os acompanhavam. Essa afirmação corrobora a declaração de Carmita Abdo a Marina Caruso e Rita Moraes em entrevista à Revista Isto é de 31/08/2005, de que para 52% dos brasileiros, sexo é muito importante, enquanto essa afirmação é válida para 35% dos europeus. A mesma pesquisa também revelou que para os homens brasileiros com mais de 60 anos, 82% sente falta da vida sexual que levava na juventude, contra 50% dos europeus.

Ao analisarmos as respostas relacionadas ao envelhecimento, a maioria dos alunos afirmou que tem conhecimento das mudanças, sentindo-as de modo geral, inclusive o declínio na vida sexual. É preciso destacar que praticamente todos os idosos entrevistados procuraram especialistas, sobretudo da urologia. Porém, trata-se de um grupo de idosos com atividades de formação continuada e com alta escolaridade, o que os distingue da maioria da população.

As respostas dos profissionais quanto aos encaminhamentos dados aos clientes com diagnóstico de disfunção sexual revelou a importância das drogas para ereção e o papel da psicoterapia na abordagem desse problema. Conversar sobre a disfunção ou sobre sua vida sexual e esse tipo de medicação é solução imprescindível na avaliação dos profissionais entrevistados. Em matéria publicada na Revista Veja n. 1920, de 31/08/2005, edição especial, abordando o tema *A melhor Idade*, o psiquiatra paulista Moacir Costa esclarece: “Todas as fases da vida vão se estender e o sexo está incluído”, o que precisa acontecer é uma mudança de comportamento que em algumas camadas da população já está acontecendo, devido ao acesso à informação e a uma situação financeira razoável. O vigor físico diminui, mas essa é a única mudança em uma geração que vai viver mais do que seus pais e avós. Para estes, tornar-se avós era ficar conformado também com a falta de sexo, fato que hoje não se aceita mais, e talvez devido a esse novo comportamento, os homens idosos necessitem mais de apoio psicológico para lidarem melhor com as mudanças. Como afirma Alda Britto da Motta (2003, p. 113): “a reação dos homens ao envelhecimento é diferente (das mulheres), há como uma resignação e aceitação da velhice como inevitável.”

O significado sexual que os alunos e profissionais entrevistados deram à virilidade como um elemento fundamental na construção da masculinidade pode acarretar dificuldades no campo da saúde, como a prevenção de doenças prostáticas e do envelhecimento, bem como a demora em procurar serviços de profissionais especializados nessa área. Também na saúde mental, pois o declínio da virilidade pode comprometer a auto-imagem e as relações conjugais. Isso se confirma pelo relato de um dos geriatras entrevistados de que para os homens virilidade é tudo, chegando ao extremo de, diante da disfunção de ereção, dizerem “Doutor, se não

funciona corta”, como se quisessem livrar-se de algo no seu corpo que não lhes pertencesse mais... Assim, não poderiam ser instaladas aí as “crises da masculinidade”?

Embora de modo precário, o presente estudo delineou um problema de foro íntimo que precisa ser aprofundado e divulgado, como se tem feito com os problemas da sexualidade feminina.

Muitas perguntas ainda estão sem resposta, como, por exemplo: por que as chamadas “pílulas azuis”, segundo relato dos alunos entrevistados, não foram usadas pela sua totalidade, quando os urologistas e geriatras entrevistados as prescrevem, de forma cuidadosa, para idosos que apresentam declínio do desempenho sexual? A declaração de sua utilização denegriria a imagem de “macho”, como tantos definiram virilidade? Ou poderia significar que, ao precisarem delas para um bom desempenho de suas funções sexuais, denotaria declínio da virilidade?

De acordo com a presente pesquisa, 89,5% dos alunos entrevistados declararam ter conhecimento das mudanças ocorridas no envelhecimento ou através da mídia ou do curso que freqüentavam, voltado especificamente para uma população idosa e com o objetivo de se tornarem multiplicadores. Entretanto, o desconhecimento das mudanças que ocorrem no envelhecimento foi citado por um dos psicólogos entrevistados, como um fator gerador de insegurança diante do desconhecido. Como essas informações estão sendo dirigidas à população envelhecete, que aumenta a cada censo demográfico?

Uma outra questão ainda nos intriga: seria a vida conjugal de longos anos, como relatou um profissional entrevistado, fator de comprometimento da disfunção sexual? Será que os idosos acreditam no mito da “aposentadoria sexual”, como relatou um dos profissionais entrevistados? A idade da parceira e sua atuação no desempenho sexual realmente teriam influência na disfunção sexual masculina, como relatou um dos alunos entrevistados?

Assim também, por que as campanhas de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a Aids, não abordam a questão da prevenção nos idosos? Seriam os idosos considerados assexuados, mesmo com o aumento da taxa de contaminação do vírus entre eles?

Para encerrarmos, como conclusão da pesquisa, os resultados mostraram que a concepção de virilidade, tanto para os alunos do Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica, como para os profissionais, significa desempenho sexual. Se essa função é definidora de uma masculinidade e, se no envelhecimento, ela declina como um processo natural de todo ser vivo, a saúde física e mental desses sujeitos não estaria seriamente colocada em risco?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABDO, Carmita. Estudo da vida sexual do brasileiro. (EVSB). São Paulo: Editora Bregantini; ProSex; Lilly, 2004.

\_\_\_\_\_. A saúde do homem. Entrevista a Iolanda Nascimento: Homens combatem tabus em nome da saúde. São Paulo: Revista Indústria Farmacêutica, 21 abril 2005.

\_\_\_\_\_. Como deveria ser o curso de Sexualidade Humana para estudantes de Medicina? Arquivos H. ELLIS. v. I, n. 4, Abril/Junho-2005.

BARROS, Myriam Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. *In*: BARROS, Myriam Lins de (Org.). Velhice ou Terceira Idade? 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BOURDIEU P. A dominação masculina revisitada. *In*: LINS, Daniel (Org.). A dominação masculina revisitada. Campinas: Papyrus, 1998.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I – A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GOLDENBERG, M. (Org.) . Os Novos Desejos: seis visões sobre mudanças de comportamento de homens e mulheres na cultura brasileira contemporânea. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOLDENBERG, M. . De Perto Ninguém É Normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

MOTTA, Alda Britto da. “Chegando pra idade”. *In*: BARROS, M. L. Velhice ou terceira idade? 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. *In*: NOLASCO, S. (Org.). A desconstrução do masculino. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. A construção social da masculinidade. Belo Horizonte: UFMG e Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

REVISTA Veja. Encarte Veja Especial: A Melhor Idade. n. 1920. 31 ago 2005.

REVISTA Isto é. Comportamento. Foi bom pra você? n. 1872. 31 ago 2005.